[Recensão a] Pinheiro, P. (2015). Aristóteles. Poética

Autor(es): Franco, Irley Fernandes

Publicado por: Annablume Clássica; Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/39287>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_18_14

Accessed : 26-Apr-2023 13:17:28

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

archai

Revista sobre as origens do pensamento ocidental
Journal on the Origins of Western Thought

18 | sep.-dec. 2016

**PINHEIRO, P. (2015).
ARISTÓTELES. *POÉTICA*.
EDIÇÃO BILÍNGUE. TRADUÇÃO,
INTRODUÇÃO E NOTAS.
SÃO PAULO, EDITORA 34**

FRANCO, I. F. (2016). Resenha: Pinheiro, P. (2015), Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34. *Archai*, nº 18, sept.-dec., p. 417-425.

DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1984-249X_18_14

A *Poética* pertence ao grupo dos chamados escritos esotéricos, ou acroamáticos¹ (como eram nomeados pelos primeiros estudiosos de Aristóteles), isto é, escritos ou anotações “do que foi ouvido” ou lido². Mais do que isso, a *Poética* é considerada, por seu caráter incompleto, fragmentário e muitas vezes desconexo, como o exemplo mais perfeito desse gênero aristotélico. Não só não foi escrita para ser publicada, tal como

archai

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

os escritos “exotéricos” (ἐξωτερικῶν συγγράμματα)³, os diálogos perdidos que o próprio estagirita teria publicado em vida, como é, dentre os “não publicados”, o mais condensado e enigmático. Ela é talvez parte daquele outro gênero, para o qual já havia apontado Cícero, em suas observações acerca dos escritos morais aristotélicos⁴: o dos “Comentários” (hoje identificado aos acima citados “esotéricos ou acroamáticos”), gênero que abrange desde os tratados enciclopédicos com argumentação rigorosa e sofisticada, até as anotações mais descuidadas, como, aliás, parece ser aqui o caso. À palavra “comentários” equivale o termo grego ὑπομνήματα, ie, o conjunto de notas que servem para trazer à lembrança determinados temas, possivelmente já tratados (em aulas?) e certamente já publicados.

O próprio Aristóteles jamais usou a terminologia acima citada. Na *Poética*, ele se refere a “escritos publicados” (1454b18: ἐκδεδομένοι λόγοι) justificando o fato de não estar aí explicando os temas que estão sendo tratados, o que fortemente sugere que esta fosse a única classificação dada por ele à sua obra: “publicados” e “não publicados”. Na passagem em questão, ele está certamente se referindo ao diálogo *Dos poetas* (Περὶ ποιητῶν), livro exotérico perdido, mencionado em catálogos antigos e do qual restam-nos apenas fragmentos. Neste livro, o filósofo, conhecido e admirado, desde a Idade Média pelo rigor de seus argumentos, teria feito todas as articulações essenciais referentes à matéria esquematicamente apresentada na *Poética*.

A *Poética*, ademais, não chegou inteira aos nossos dias. Ela sobreviveu, como os demais escritos acroamáticos, mas, à diferença deles, nunca foi comentada ou revisada durante o período de grande atividade

exegética, sobretudo no séc. II com Alexandre de Aphrodisias. Do séc. III ao V, a *Poética* parece ser totalmente desconhecida. E, conforme o catálogo que nos foi transmitido por Diógenes Laércio (*Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* 3 48), ela era composta de dois livros. Um segundo volume teria sido dedicado à comédia e disso sabemos através tanto da própria *Poética*, onde se lê, no capítulo VI (1449 b21) “da imitação em hexâmetros e da comédia trataremos depois”, quanto de outros tratados de Aristóteles, principalmente a *Retórica*, que, em dois lugares diferentes, — I, 11, 1372 a 1; III, 18, 1419 b5 —, refere-se ao “γελοῖος” (engraçado, risível) de que já tratara na *Poética*. A *Política*, quando menciona que o sentido de catarse será esclarecido ἐν τοῖς περὶ ποιητικῆς (“nos [livros] sobre a poesia”) e tal esclarecimento não aparece no livro I, também nos leva a supor a existência desse segundo livro.

Há ainda o problema peculiar da transmissão do texto da *Poética*, pois ela descende de quatro manuscritos autônomos: o *Parisinus Graecus* 1741 (sécs. X-XI), somente descoberto no séc. XVIII, o *Ricardianus* 46 (séc. XII), a versão latina (Moerbeke, 1278), e o *Parisinus Árabe* 2376 (c. séc. X)⁵, o que agrava bastante a situação já fragmentária do texto acroamático, porque, com a passagem dos séculos, e à medida que os manuscritos foram sendo descobertos, o texto foi também se transformando, sofrendo intercalações, acréscimos, omissões etc. A tradução que ora se comenta usa o texto estabelecido por Rudolf Kassel, edição relativamente recente (1965) e amplamente adotada pelos especialistas em Aristóteles. A versão de Kassel tem a preferência dos scholars porque considera com muita atenção as quatro fontes acima citadas do texto

archai

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: ‘Aristóteles. *Poética*. Edição bilingue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

aristotélico. De fato, somente Kassel conseguiu sintetizar de maneira satisfatória esses quatro manuscritos.

Sendo essa, então, a situação em que nos encontramos diante da *Poética*, considere-se o valor de uma tradução que, além de enfrentar as dificuldades naturais do grego antigo, — língua a que poucos têm acesso — tenha ainda como perspectiva dar a esse texto coerência e unidade. Pois foi essa a tarefa ciclópea a que se entregou Paulo Pinheiro. A fim de dar ao leitor condições de pensar a partir do texto original, pois é essa a finalidade de toda tradução, nosso tradutor não só foi à fonte grega como generosamente a ilustrou com fartas e elucidativas notas, única maneira de garantir que o mais “torturado” dos textos aristotélicos — como o qualificou Eudoro de Souza⁶ — ganhasse corpo e clareza. Sem notas, permaneceria ininteligível a maior parte das teses apresentadas na *Poética*. Tampouco fariam sentido aqueles pontos que nos parecem intransponíveis se não os relacionamos com outras obras do *corpus aristotelicum*, principalmente com a *Ética Nicomaqueia* e com a *Retórica*.

Essa é, pois, a vantagem de termos um tradutor filósofo. E, de fato, em língua pátria, essa é a primeira tradução que tenta dar conta, através de notas explicativas, do vasto material conceitual trazido pela *Poética*. Termos como μίμεις, μύθος, κάθαρσις, τύχη, πράξις, ἄρμαρτία etc., alguns hoje caros à teoria da literatura, e cujos sentidos têm sido exaustivamente investigados por estudiosos da *Poética*, são aí brevemente mencionados, como se fizessem parte de um vocabulário com o qual os leitores já devessem estar familiarizados. Da mesma forma, a maior parte das teses de Aristóteles sobre a poesia é aí lançada sem maiores explicações.

Assim, por exemplo, e em especial, a famosa teoria aristotélica da catarse, cujo sentido aqui somos obrigados a deduzir da definição desesperadamente lacunar de tragédia, resumida por nosso filósofo em um único parágrafo (cap. VI). As poucas teses aí desenvolvidas, algumas de grande importância para a atual disciplina da Estética, como é o caso do problema da origem da tragédia e da comédia — tema que se tornou caro à filosofia desde *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, de Nietzsche — o são de modo extremamente econômico.

A edição em comento é bilíngue, mas a tradução é perifrástica; sacrifica a forma ao conteúdo. É natural que assim seja, uma vez que o texto parece ser, como já dissemos, um conjunto de anotações descuidadas e que têm por finalidade trazer à memória o que antes já foi ensinado e escrito. O texto é, sem exagero, além de curto (15 páginas, ou 30 colunas)⁷, extremamente condensado e tem, no geral, uma estrutura gramatical bastante irregular, sendo seus conteúdos, os mais complexos, tratados inúmeras vezes através de “frases quebradas”. O grego “ao lado” permite-nos constatar a infinidade de anacolutos que nos obrigam a “interpretar”, em lugar de simplesmente “traduzir”.

Nem sempre concordamos com as escolhas do tradutor. Algumas vezes, porque destoam de nossas próprias interpretações, tais como a de *μύθος* por “enredo”, *φόβος* por “pavor”, *ἁμαρτία* por “erro”, e assim por diante. Já em outros casos, porque consideramos que a escolha do tradutor não reflete todo o conteúdo semântico do termo de origem. Tal é, por exemplo, o caso da tradução de *πάθος* (1452b 10) por “comoção emocional”. Ora, “comoção emocional” é uma

archai

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: ‘Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

expressão fraca para significar a violência que se abate sobre o herói trágico e que se dá após o reconhecimento (ἀναγνώρισις) e a reviravolta (περιπέτεια), momento tópico, clímax da tragédia complexa. Πάθος é o terceiro elemento da trama (μύθος) e é definido por Aristóteles como “uma ação destrutiva ou dolorosa” (1452b 12: πάθος δέ ἐστι πρᾶξις φθαρτιῇ ἢ ὀδυνηρά). O uso da palavra “emocional” sugere uma situação estritamente psicológica, mais presente na mente do que na ação, como se o psicológico estivesse separado e distante da ação. De acordo com a passagem, entretanto, o πάθος trágico é uma ação e não uma “emoção”.

Poder-se-ia pensar, por essa razão, que se trata aí de uma tradução que obriga seus leitores a aceitar e seguir suas próprias opções sem lhes dar a possibilidade de reflexão. Mas não é esse o caso, pois nosso tradutor justifica e generosamente explica cada uma de suas escolhas, como o faz justamente em relação ao termo cuja tradução acabamos de criticar: πάθος. Em nota ao termo, Paulo Pinheiro cita diversas traduções já oferecidas na longa história dos estudos da *Poética*. Assim, Eudoro de Souza, traduz por “catástrofe”, Magnien e Hardy, por “événement pathétique”, Dupont-Roc e Lallot por “effet violent”, Else, por “suffering” e, finalmente Halliwell mantém simplesmente “pathos”.

Como observação final, destacamos a importância, muitas vezes negligenciada, da *Poética* para o pensamento e cultura ocidentais. Tomando como exemplo as poesias épica e trágica, Aristóteles, diverge radicalmente de seu mestre Platão, e dá à poesia a dignidade de um domínio próprio, que não mais depende de propostas políticas ou de uma filosofia moral. Pode-se

dizer que, pela primeira vez, a *mimesis* poética é pensada como tendo uma potência própria e que, desde aí, não parou de contar a sua história. Os cânones aí introduzidos para a composição da boa tragédia acabaram se tornando paradigmáticos para os demais gêneros literários e, através deles, para outras formas de produção artística, fazendo da *Poética* um dos livros mais poderosos e influentes da história da literatura ocidental.

archai

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425

NOTAS

1 ἀκροαματικά, do verbo ἀκροάομαι, “ouvir”, “escutar”, donde ensinamentos orais.

2 Ao contrário de Platão, que parece desprezar a escrita (vide principalmente *Fedro* 275a-276a e *Carta VII* 341a-d), Aristóteles era um grande amante da leitura —Platão o apelidou de “o leitor” (ἀναγνώστης) na Academia – e teria sido o inventor do que hoje chamamos de “biblioteca”. Segundo Estrabão (séc. I a.C), ele «foi o primeiro a coleccionar livros e teria ensinado os reis do Egito o modo como organizar uma biblioteca.” Sabemos, além disso, que ele possuía uma coleção particular de livros, a qual, mais tarde, colocou à disposição de seus alunos do Liceu.

3 A expressão aparece em vários autores da antiguidade, por ex., Clemente de Alexandria (c. 250 d.C.), Aulo Gélcio (séc. I d.C.), Jâmblico (séc. III) e Cícero. Este último refere-se aos escritos “exotéricos” de Aristóteles de modo extremamente elogioso: “*flumen orationis aureum fundens*” (*Academici Libri* 2 119), “*dicendi incredibili quadam cum copia tum suavitate*” (*Topica* 1, 3).

4 Cic. *Fin.* V 5, 12.

5 Em sua Introdução, Paulo Pinheiro comenta brevemente as questões relativas à tradição manuscrita do texto grego. Para uma abordagem ultra detalhada do tema, ver Yebra (1992). Ver também Else (1967) e Eudoro de Sousa (1966).

6 Em sua Introdução à *Poética* (1966).

7 Comparativamente, a *Metafísica* tem 114 páginas e a *Ética Nicomaqueia* 98 páginas. Cf. Whalley (1970, p.77-106).

BIBLIOGRAFIA

ELSE, G. F. (1967). Aristotle *Poetics* (translated with an introduction and notes). Ann Arbor, University of Michigan Press.

RACKHAM, H. H. (1931). Marcus Tullius Cicero. *De Finibus Bonorum et Malorum*, V 5, 12. Loeb Library. Cambridge, MA.

SOUSA, E. de (1996). *Poética de Aristóteles*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndice. Porto Alegre, Globo.

YEBRA, V. García (1992). ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΟΥΣ ΠΕΡΙ ΠΟΙΗΤΙΚΗΣ. ARISTOTELIS ARS POETIKA. POÉTICA DE ARISTÓTELES. Edición trilingüe. Madrid, Editorial Gredos.

WHALLEY, G. (1970). On translating Aristotle's *Poetics*. *University of Toronto Quarterly*, vol.39, n.2, January, p.77-106.

Submetido em Fevereiro e aprovado para a publicação em
Março, 2016

archai

nº 18, sept.-dec. 2016

Irley Fernandes Franco, Resenha: 'Aristóteles. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, Introdução e Notas. São Paulo, Editora 34, p. 417-425